

“Eu não sou como você pensa”: vozes-vidas de estudantes LGBTQIA+

Sebastiana Araujo Filha¹, Hiran de Moura Possas²

Resumo

O artigo é resultado de pesquisa que analisou, pela perspectiva de estudantes LGBTQIA+, quais e como se reproduzem identificações de gênero, no contexto de uma escola da rede pública estadual do sudeste do Pará. Metodologicamente, sob orientações de aportes interdisciplinares, em especial da História Oral, foram realizadas entrevistas dialógicas com os interlocutores da pesquisa, cujas identidades são preservadas por questões éticas. As principais categorias analíticas observadas “a descoberta do corpo, família e escola” receberam ensaios interpretativos. Os resultados reafirmam a importância da escola, como um dos espaços estratégicos e privilegiados, para a transformação de comportamentos e promoção de debates, visibilidades e participação crítica de estudantes LGBTQIA+.

Palavras-chave

Amazônia Oriental. Dinâmicas socioeducacionais. Gênero e diversidade na escola.

¹ Mestra em Dinâmicas Territoriais e Sociedade na Amazônia pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Brasil; professora da rede municipal de ensino de São Domingos do Araguaia e da rede estadual de educação do Pará, Brasil. E-mail: thiana37@gmail.com.

² Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil; estágio pós-doutoral na Universidade Estadual Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Rio de Janeiro, Brasil; professor da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Brasil; líder do Grupo de Estudos Interculturais das Amazônias (GEIA/CNPq). E-mail: hiranpossas@gmail.com.

“I’m not as you think”: life-voices of LGBTQIA+ students

Sebastiana Araujo Filha³, Hiran de Moura Possas⁴

Abstract

The article is the result of research that analyzed, from the perspective of LGBTQIA+ students, how gender identifications are reproduced, in the context of a state school in southeastern Pará. Methodologically, under the guidance of interdisciplinary contributions, especially from Oral History, dialogic interviews were carried out with the research interlocutors, whose identities were preserved for ethical reasons. The main analytical categories of analysis observed in “The Discovery of the Body, family and School” received interpretative essays. The results reaffirm the importance of the school, as one of the strategic and privileged spaces, for the transformation of behaviors and promotion of debates, visibility, and critical participation of LGBTQIA+ students.

Keywords

Eastern Amazon. Socioeducational dynamics. Gender and diversity in school.

³ Master in Territorial Dynamics and Society in the Amazon, Federal University of the South and Southeast of Pará, State of Pará, Brazil; teacher in the municipal education network of São Domingos do Araguaia, State of Pará, and in the state education network in Pará, Brazil. E-mail: thiana37@gmail.com.

⁴ PhD in Communication and Semiotics, Pontifical Catholic University of São Paulo, State of São Paulo, Brazil; postdoctoral internship at Universidade Estadual Norte Fluminense Darcy Ribeiro, State of Rio de Janeiro, Brazil; professor at the Federal University of the South and Southeast of Pará, State of Pará, Brazil; leader of the Amazon Intercultural Studies Group (GEIA/CNPq). E-mail: hiranpossas@gmail.com.

Introdução

O artigo é resultado de uma pesquisa (2019-2021) que analisou, pela perspectiva de estudantes LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Travestis, Queer, Interssexuais, Assexuais...), quais e como se reproduzem as identificações de gênero de cada um. Neste texto, apresentam-se narrativas desses interlocutores, as principais categorias de análise observadas e, em paralelo, um exercício interpretativo de enunciados com o auxílio de literatura teórica interdisciplinar, como: noções de discurso junto ao pensamento de Michel Foucault e a História Oral⁵. Como resultados, a pesquisa corrobora a tese de grupo significativo de estudos compreendendo a escola e a família como organismos vivos, complementares e fundamentais para a desconstrução de paradigmas heteronormativos.

O estudo foi realizado na Escola Estadual de Ensino Médio Professora Elza Maria Corrêa Dantas, localizada no município de São Domingos do Araguaia, região sudeste do estado do Pará. Em 2021, esse espaço de ensino atendia cerca de 1100 alunos. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2020), São Domingos do Araguaia tem uma área territorial de 1.392,464km² e a população é estimada em 25.753 habitantes. Desde o ano de 2010, a referida escola oferece exclusivamente o ensino médio, atendendo alunos/as de localidades urbanas e rurais do município.

A pesquisa foi submetida a protocolos de ética. Todas as pessoas entrevistadas concederam o direito de transcrição de fala, após prestados todos os esclarecimentos sobre a pesquisa e a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Para analisar as entrevistas, delimitamos alguns enunciados, tentando observar possíveis normas reguladoras da sexualidade na família e na escola, como possibilidades de compreensão da sexualidade sob a luz de relações de poder e saber. As identidades reais foram substituídas por pseudônimos.

A primeira pessoa entrevistada, Maria Gabriela⁶, de 19 anos, se autodeclara parda e solteira. A segunda pessoa é, Ana Luíza, de 21 anos. As entrevistas com a terceira e a quarta pessoa se deram em circunstâncias diferentes. Os/as alunos/as perguntaram se seria um problema realizarem o diálogo juntos, o que não foi considerado. Nosso quarto entrevistado, Maurício, tem 18 anos e se autodeclara negro. A quinta pessoa, Helena, tem 37 anos e se

⁵ Sob orientações ético-metodológicas, as entrevistas realizadas procuraram ser um experimento próximo de igualdade, por meio de diálogos livres, majoritariamente conduzidos pelos enunciadores da pesquisa.

⁶ Todas as pessoas que participaram da pesquisa são representadas por nomes fictícios escolhidos aleatoriamente, com a finalidade de preservar e resguardar as identidades.

autodeclara branca. As entrevistas foram realizadas de acordo com as orientações do Ministério da Saúde (MS) em relação à pandemia de Covid-19. Realizamos uma sexta entrevista, porém a pessoa solicitou a retirada das transcrições.

Dadas as apresentações, subdividimos as narrativas em categorias temáticas: “A descoberta do corpo”, “Relações com a família” e “Ingresso e permanência na escola”.

A descoberta do corpo

Nesta seção, na medida do possível, analisamos os relatos a respeito do corpo e as percepções, sensações e sentimentos diversos de cada entrevistado.

“sou Gaby”

Nem menina, nem menino. Tenho liberdade, sou Gaby! Me descobri Gaby, com quinze anos, passei a descobrir outras coisas do que gostava, do que não gostava (risos). Foi uma mudança muito esquisita pra mim, oh! A puberdade foi uma parte difícil, porque tipo assim, eu sempre fui criada com meus irmãos e primo, (risos), andava sem blusa, igual a eles, fazia até xixi em pé como eles, que me lembro, (risos) aí com doze anos começou a nascer os peitos, queria andar sem camisa, não podia, porque já estava nascendo os peitos nesse período. Gosto do meu corpo. Estou feliz com meu corpo. Tenho a cabeça e o corpo de menina completa. Nem menina, nem menino. Tenho liberdade, sou Gaby’ (MARIA GABRIELA, 2019).

A entrevistada fala sobre o fato de se descobrir e se identificar como se sente hoje, levando-a a passar por várias etapas, algumas vivenciadas sem fazer, nesses momentos, sentido: “com quinze anos, passei a descobrir outras coisas do que gostava, do que não gostava. Foi uma mudança muito esquisita pra mim, oh! A puberdade foi uma parte difícil”. Percebe-se que a mudança vivida e sentida, em especial com a chegada da puberdade, acentuou significativamente comportamentos de gênero com o qual foi interpelada ao nascer. Necessidades como fazer xixi de cócoras, vestir-se com camisas para cobrir os seios, deixar de brincar de bola com os primos, que eram permitidos na infância, são negados com a chegada da menstruação, momento de cobrança acentuada de novos comportamentos.

Discursivamente, o corpo passa a repercutir e ser moldado por padrões que sinalizam a chegada da sexualidade como dispositivo de poder, considerado por Foucault (1988) como um dispositivo histórico de controle e regulação⁷. Dessa forma, o corpo socialmente considerado

⁷ Tais discursos articulam-se em rede na historicidade, seguindo e construindo articulações entre conhecimentos e instituições, as últimas responsáveis por positivar a existência.

como feminino sendo cobrado pelo resguardo e a discrição, demonstra os valores da família, constituindo um discurso estruturante de um modelo tradicional familiar e moral que reforça a naturalização das diferenças de gênero e orienta papéis.

O fato da entrevistada não se preocupar efetivamente com uma identificação fixa de gênero, “nem menina, nem menino”, nos leva a refletir acerca dos teóricos culturais pós-estruturalista, os quais afirmam que as identidades sexuais e de gênero são transitórias e contingentes. As regulações sociais incidem sobre o corpo, sobretudo o feminino, aprisionando as experiências sexuais (LOURO, 2010). Também enfatizam ser preciso rejeitar o caráter fixo e permanente das diferenças sexuais (LOURO, 1997). É no embate desse campo discursivo que o corpo toma dimensões biológicas que, visualmente por questões sociais, são marcas a definir a identidade dos sujeitos. Quando a interlocutora opta pela neutralidade visível do corpo, quebra regras e cobranças das normas sociais de identidade, contrariando o discurso binário hegemônico de identificação. Dessa forma, concordamos com (LOURO, 2001, p. 8): “os corpos não são, pois, tão evidentes como usualmente pensamos. Nem as identidades são uma decorrência direta das ‘evidências’ dos corpos”. Para a autora, os sujeitos “deslizam e escapam das classificações”, dificultando marcações prévias aos curiosos que procuram identificações pelo corpo, abrindo um leque de possibilidades, de liberdade e resistência ao padrão tradicional de comportamento (LOURO, 2007, p. 22).

“Tirei um peso das minhas costas”. “Ela tinha medo de eu ser... e eu já era... Já ficava com mulher!”

Foi a partir dos nove anos de idade que comecei sentir atração por mulheres e até agora continua. Meu gênero é feminino, né? Eu gosto de mulher. Tem muitas lésbicas que andam com o gênero diferente, que se vestem como homem e outras coisas. E eu não! Me visto de mulher, às vezes misturo as roupas... (risos) Meu gênero é feminino e gosto de mulher. Pelo fato de gostar de mulher, não quer dizer que sou homem. Porque eu sou uma mulher e não um homem. Foi bom me assumir, tirei um peso das minhas costas. Porque eu namorava meninos só pra esconder a minha sexualidade, sabe? Eu não queria namorar, era só por pressão da minha mãe descobrir. Teve um tempo que namorei com um menino, a gente ia pra festa e quando chegava lá, nem dava confiança pra ele, ficava só brincando com as meninas... (risos) quando chegava em casa ele falava pra mãe. E a mãe dizia, que se eu terminasse com ele, eu não ia sair pra rua, não ia ter amizade com ninguém. Ela tinha medo de eu ser... e eu já era... já ficava com mulher! (ANA LUÍZA, 2020).

A segunda entrevistada inicia declarando sentir atração pelo mesmo sexo desde muito cedo. Lembra que, ao descobrirem seu segredo e, ao se assumir, desencadeou momentos conflituosos de dúvidas, incertezas e inquietações na família, o que depois se transformou em

algo prazeroso, livrando-se de um peso de imposições gerenciadas e controladas pela família, escola e a sociedade sobre sua sexualidade. Justifica que, o fato de gostar de mulher, não seria uma imposição para desejar ter um corpo masculinizado. Não há uma renúncia prévia da anatomia do corpo, ao contrário, assim como a primeira narradora, reitera que gosta do corpo e do sexo pelo qual foi interpelada, sem, contudo, abdicar de relações com o corpo em vivências de outras possibilidades que extrapolem o convencional. Outro ponto de aproximação na fala das entrevistadas é o fato de descobrirem o desejo pelas modificações naturais do corpo, denotadas a partir da chegada da puberdade, aflorando descobertas e desejos mediados pela discrição do corpo, uma estratégia de sobrevivência e convivência com práticas coercitivas da família e da escola.

Outros enunciados chamam atenção: “eu não queria namorar, era só por pressão de a minha mãe descobrir” e “Ela tinha medo de eu ser... e eu já era... Já ficava com mulher!” Essa narrativa reflete o medo em assumir um padrão de comportamento que está além da heterossexualidade para a família. Desse modo, era preferível ceder às orientações da mãe. Continua, “se eu terminasse com ele, eu não ia sair pra rua, não ia ter amizade”. Percebe-se que, ao atender os apelos da mãe, com o receio de constranger a família, não abdica de estratégias de fuga, ao usar a presença masculina para sair de casa e manter relações com outras pessoas.

Butler (2003) comenta que a matriz de normas de gênero atravessa qualquer modificação corporal, reforçando a cobrança dos papéis de gênero. Dessa forma, a vigilância do corpo, em se definir como feminino, é marcada discursivamente a partir de um lugar que se convencionou de feminino, o que impossibilita o corpo de demonstrar a identidade. Dessa forma, nota-se que as relações de gênero que atravessam as falas das narradoras estão inscritas em uma formação discursiva de um modelo social que reforça práticas heteronormativas de comportamento. Para Louro (2004, p. 75), “ao longo dos tempos, os sujeitos vêm sendo indiciados, classificados, ordenados, hierarquizados e definidos pela aparência de seus corpos; a partir dos padrões e referências, das normas, valores e ideais da cultura”. Enquanto para Foucault (2002, p. 62), “a norma não é simplesmente um princípio, é um elemento a partir do qual certo exercício do poder se acha fundado e legitimado”.

“Só namorava com ele, pra ficar perto da irmã dele!”

Desde criança eu já tinha um jeitinho assim diferente. Porque as meninas, naturalmente, usam saias, vestidos, eu não! Só short, calças e tênis. Não usava aquelas sandalinhas que amarra, assim atrás. Percebi isso com doze anos de idade, que namorava o Vitor, que falo nele direto, só que, namorava com ele,

pra ficar perto da irmã dele! Aí, foi daí que descobri que gostava de meninas. Aí a gente brincava de casinha, tinha um bocado de meninos que poderiam ser o pai, mas eu queria ser o pai (risos). A gente namorou só que não deu certo, porque sempre que saía ficava paquerando outras meninas, (risos) mas eu gostava muito dele, não pelos órgãos genitais, mas sempre gostei pela atitude da pessoa, ele é muito legal, muito importante pra minha vida. Era só um namorico mesmo, beijinhos, tinha só onze anos. Nunca tive relações com homens. Hoje me considero lésbica (FERNANDA, 2020).

No relato, observamos a segurança da interlocutora em se definir como lésbica, uma pessoa que conhece os próprios desejos, posicionando-se pertencente à categoria, o que, em suas palavras, pode ser uma situação fluida: “hoje me considero lésbica”. Mas, para chegar a essa definição, faz uma anamnese de sua infância, considerando que se percebia diferente das outras meninas, inclusive por não sentir desejos de se vestir seguindo as normas relativas à figura esperada para uma menina, rompendo com a performance feminina para o vestuário.

Destaca-se o fato de que o momento de descoberta dos desejos aconteceu na adolescência, período da puberdade. Aspecto coincidente entre as entrevistadas pelo uso de estratégias de fuga às convenções impostas: “namorava com ele, pra ficar perto da irmã dele. Era só um namorico”. Formas de “trapaça” e “ridicularização”, demonstradas pelos risos utilizados, ao que lhe era “imposto” e desimportante observados, na utilização do diminutivo.

“Porque a minha intimidade eu não tenho que ficar compartilhando com todo mundo!”

Hoje me identificaria como hetero. Eu nunca tive uma relação de olhar para algum homem com relação de desejo, não! Porque a minha intimidade eu não tenho que ficar compartilhando, com todo mundo! (MAURÍCIO, 2020).

No decorrer da entrevista transcrita, parcialmente, uma das perguntas foi: “como você se identificaria sexualmente?” A resposta não titubeante foi “hoje me identificaria como hetero”, causando-nos reflexão. A palavra, hoje, suscita as subjetividades que se constituem diariamente. Percebemos que trabalhava, estrategicamente, como uma identificação relacional, ao “sabor” dos contextos vivenciados. Entendemos também que o entrevistado precisava dessa estratégia, para escapar de classificações precipitadas, ou quem sabe, demonstrar um processo de descobrimento. Nesse sentido, Scott (1990) ressalta que a identidade e as experiências são construídas por meio de jogos de poder e saber dentro de um fluxo dinâmico. O fato de se definir como hétero não significava dizer que tivesse plena certeza dessa afirmação, mas que se produz, a partir das necessidades, identificações convenientes a determinadas situações. Gênero não é uma identidade estável, pelo contrário, é uma identidade constituída no tempo,

por uma repetição estilizada de atos, que se produz por meio de gestos corporais naturalizados (BUTLER, 2017).

“Eu nunca tive uma relação de olhar para algum homem com relação de desejo, não!”. No enunciado, observou-se uma renúncia, aparentemente, a qualquer envolvimento com outro sexo que não fosse o feminino. No entanto, as palavras sinalizadoras da negação (nunca, não) podem despertar experiências vividas. Para Foucault (1979), esses dispositivos estão naquilo que foi ou é dito e também naquilo que não foi ou não é dito, ou seja, na própria negação existiria, implícita, a noção de existência, uma vez que não há como negar o desconhecido. Ressoa como algo que não deve ser dizível, ou seja, desencadeia uma vigilância exacerbada sobre o corpo, causada pela constante preocupação em relação à sexualidade, deixando escapar marcas de uma formação discursiva em que reconhece a heterossexualidade como padrão dominante de comportamento. Segundo Foucault (2010, p. 34), “não existe um só, mas muitos silêncios e são partes integrantes das estratégias que apoiam e atravessam muitos discursos”.

“Eu não sou mulher como você pensa, sou travesti!”

Desde que me entendo por gente, eu nunca me vi de outra forma, sempre me vi como uma menina. A impressão que eu tenho foi que nasci em um corpo de menina. Parece um pouco estranho, mas era assim que me sentia. Tenho relatos de parentes que dizem que desde pequeno eu só gostava de roupas de menina. Deixava as roupas de menino e vestia as roupas da minha irmã mais velha, também não deixava cortar meus cabelos. Pra eu saber que eu era, levou muito tempo, porque pra mim tudo era normal. Eu não sabia o que era ser gay, o que era ser menino ou menina. A gente não tinha essas informações assim. Depois de um certo tempo escutando conversas de adultos...eu não sou o homem que meu pai quer. Não sou menina porque não tenho os órgãos genitais femininos, mas não sinto desejo por mulher...eu olho homem diferente. Tenho desejo de encontrar uma pessoa que me aceite como eu sou, pra dividir sonhos, momentos, tristezas, alegrias. Lógico! O ser humano precisa de alguém, ninguém nasce pra ser sozinho, não importa a sua opção sexual, nós sempre precisamos de alguém (HELENA, 2020).

“Eu não sou mulher como você pensa, sou travesti”. No enunciado em que Helena afirma ser travesti, abre-se a possibilidade de um diálogo com Butler (2003) sobre performatividade, que se dá pela interpelação. Segundo a autora, nós não nascemos homens e mulheres, nem simplesmente nos tornamos – em um determinado momento – homens e mulheres, mas nos fazemos homens e mulheres todos os dias e a identidade de gênero é uma realização performativa compelida e está em constante transformação. Desse modo, “essa repetição é, a um só tempo, reencenação e nova experiência de um conjunto de significados já estabelecidos socialmente; e também é a forma mundana e ritualizada de sua legitimação”

(BUTLER, 1990, p. 200). Ainda para a autora, “não há identidade de gênero por trás das expressões do gênero; essa identidade é performativamente constituída, pelas próprias ‘expressões’ tidas como seus resultados” (BUTLER, 2010, p. 48).

Foucault (2010), em profícuo diálogo com a narrativa, adverte que, em nossa sociedade, a pessoa não tem o direito de dizer tudo, nem falar sobre tudo, em qualquer circunstância. Dessa forma o sujeito media e calibra a sua fala, como comportamento estratégico. Em “A impressão que eu tenho foi que nasci em um corpo de menina”, afirmação, em tom de lamento, de uma relação de disputa com um corpo que não se identifica, não se sentindo confortável com a aparência masculina quando criança, o que lhe causava dor. Percebe-se que a identidade de gênero dela não correspondia ativamente ao que a sociedade diz que ela é, mas até o momento sem interesse em modificá-lo do ponto de vista cirúrgico, apenas performático. Na infância, segundo Butler (2008), as lembranças são interiorizadas e ritualizadas, reproduzindo as performances de gênero hegemônicas.

“Eu não sabia o que era ser gay!” A espontaneidade dessa afirmação nos leva a pensar que o gênero não nasce conosco, mas se desenvolve na interação social com o outro, com comportamentos e repetições. Nos recortes dos enunciados acima, verificamos várias formas de identificações sem exatamente estarem inscritas ou em regras e padrões impostos, e todas são marcadas por tensionamentos com a heteronormatividade que, segundo Miskolci (2009, p. 332), tem como objetivo: formar a todos para a heterossexualidade ou para organizarem as vidas a partir de um modelo supostamente coerente, superior e “natural”. A desconstrução de uma ordem binária, em fuga dos padrões cisheteronormativos de viver a sexualidade, é percebida nas narrações até aqui descritas.

Nesse contexto, é importante salientar que durante as narrativas nota-se o incômodo das pessoas entrevistadas ao enquadramento de regras que, segundo eles/elas, quando crianças não faziam muito sentido. As práticas de vigilância, ora pela família, ora pela escola, com normas reguladoras e estilização do corpo, mostrando como vestir, com o que brincar demonstram os papéis sociais designados hierarquicamente pela divisão sexual, um poder disciplinar/performativo normalizador. Nesse sentido, Butler (1993) critica a dicotomia entre sexo e gênero: “Ele não é um simples fato ou condição estática de um corpo, mas um processo pelo qual as normas regulatórias materializam o ‘sexo’ e produzem essa materialização através de uma reiteração forçada destas normas” (BUTLER, 1993, p. 154), por isso a importância da performatividade.

Butler (2003) enfatiza a noção de gênero como fruto de uma produção social, um ato intencional formado pelo próprio indivíduo ao longo da vida. Assim, o gênero não deve ser

visto como um atributo fixo de uma pessoa, mas como uma variável fluida, apresentando diferentes configurações de acordo com as experiências de vida de cada pessoa. Trata-se de uma construção social com pouca ou nenhuma relação com o sexo biológico. Pensamos o sujeito, aqui, como possuidor de identidade múltiplas, ratificando o pensamento de Hall (2006) que não está ancorado a um tipo de identidade fixa, nem acabada. A liberdade e a leveza de ser Gaby, sem necessariamente responder a um padrão fundamentado em um ideal socialmente construído, incomodam quem vive preso no modelo tradicional/conservador. E, pode ser estratégico, à medida que mantém o corpo para "corrompê-lo" em situações mais íntimas. Então, pensar as questões que envolvem as normas da sexualidade é adentrar no mundo subjetivo possível de viver a sexualidade:

Nada há de exclusivamente “natural” nesse terreno, a começar pela própria concepção de corpo, ou mesmo de natureza. Através de processos culturais, definimos o que é — ou não — natural; produzimos e transformamos a natureza e a biologia e, conseqüentemente, as tornamos históricas. Os corpos ganham sentido socialmente. A inscrição dos gêneros — feminino ou masculino — nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura. As possibilidades da sexualidade — das formas de expressar os desejos e prazeres — também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas. As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade (LOURO, 2000, p. 6).

O modelo patriarcal, caracterizado em ditar as regras, se faz sempre presente, como referência, potencializando a presença masculina como modelo a ser seguido. O corpo toma, nesses enunciados, diferentes significados e sentidos: “eu sempre fui criada com meus irmãos e primo, (risos), andava sem blusa, igual a eles, fazia até xixi em pé como eles, que me lembro, (risos)” (MARIA GABRIELA, 2020); “pelo fato de gostar de mulher não quer dizer que sou homem. Porque eu sou uma mulher e não homem” (ANA LUÍZA, 2020); “desde pequena eu só gostava de roupas de menina. Deixava as roupas de menino e vestia as roupas da minha irmã mais velha, também não deixava cortar meus cabelos” (HELENA, 2020). Observa-se que esses sujeitos subvertem e burlam o controle disciplinar sobre os corpos, à medida que questionam os ordenamentos em relação a sua função, à medida que rompem com os regimes heteronormativos. Por certo, a descoberta da sexualidade traz muitas perguntas e questionamentos sobre gênero e sexualidades: certo, errado e verdadeiro sempre se impõem. Reguladores de condutas são refutados por Foucault (2010, p. 344) “Eu não tenho vontade, eu, sobretudo, recuso-me a ser identificado, ser localizado pelo poder”. Percebemos, mediante as análises que a maioria dos entrevistados quando falam sobre suas vivências produzem discurso

próprio de (re)conhecimento do corpo, se autodefinindo como: lésbica, travesti ou, aqueles que não têm intenção em se enquadrar em rótulos identitários de gênero, preferindo a liberdade dos seus corpos sexuados.

Relações com a família

Segundo Silva *et al.* (2015), a família é o primeiro grupo que exclui ou pode excluir. É na família em que se processam os primeiros ensinamentos que ditarão as normas para a construção social, naturalizando, inclusive, o que é o ser feminino e o masculino, como também é o primeiro espaço que experimentam a discriminação, pois é no seio familiar que o sujeito vai se perceber como diferente da norma, de identidade ditada pela família, gerando um quadro de tensões e conflitos por não aceitarem a identidade sexual, desejos e pulsões.

Toda mãe conhece o filho. Não vou dizer que ela não me conhece, porque conhece muito, muito, muito. Então acho que ela sabe, só não quer que eu fale, não sei! Ela tá enrolando para essa conversa. Se ela quiser ouvir eu falo (risos). Ela foi criada na igreja desde os nove anos de idade que é crente. Hoje ela é diaconisa na igreja. Criticava muito sobre homossexual, antes de me assumir... Já me assumi para o meu pai, pra todo mundo, só pra ela que ainda não tive essa conversa. Ficava com medo, porque criticava muito...vai que ela surta, ou pode acontecer coisa pior, ou ela passa mal. Não sei o que vai ser, esperei...aí aconteceu o extremo, meu pai ligou pra ela e falou. Beleza, não fiquei com raiva dele, nem nada. Foi aí que ela ligou pra mim e marcou a conversa. Essa situação é recente. Meu pai descobriu porque falei pra ele. Não sei porque a demora dela pra essa conversa? Em relação a vó, no começo achou ruim, pois só eu de mulher, aí com o tempo foi aceitando mais. Via como me sentia bem, minha mãe ficava implicando. Ela foi aprendendo com isso, na verdade fomos aprendendo juntas, dizia: “oh bicha sem vergonha! tu não quer prestar, não?” Kkk ela fala desse jeito, minha avó, é uma graça. Depois falava é, né, fazer o quê, tu não gosta é assim? Então vai... “e minha mãe, vó?”. “A tua mãe não tem moral aqui, não! É só eu e tu.” É uma aprovação carinhosa (risos) (MARIA GABRIELA, 2019).

“Toda mãe conhece o filho”. O início da narrativa é marcada pela provocação ao papel de “mãe” e ao fato dela, quando há convivência, perceber os dramas, descobertas diárias com o corpo e o processo de maturidade do/a filho/a. A interlocutora demonstra compreender, justificando certas posições da mãe: “ela foi criada na igreja e desde os nove anos de idade que é crente. Criticava muito sobre homossexual”. Suas argumentações partem da ideia de que o fato de ser evangélica justifica o não reconhecimento de outras sexualidades e gêneros fora do binarismo. Fica exposta a percepção do discurso religioso atravessado nesse enunciado quando a mãe protela a conversa com a filha na esperança de uma mudança em relação à sua identidade

de gênero.

Chamou-nos atenção a fala da narradora descrevendo a avó como uma pessoa idosa e de uma criação rigorosa apoiar a felicidade da neta em detrimento da mãe, uma pessoa relativamente jovem, preferindo manter-se no obscurantismo e na ignorância de certos preceitos religiosos. A presença da avó, na vida da narradora, é sempre mencionada com carinho e leveza: “ela foi aprendendo com isso, na verdade fomos aprendendo juntas”. O “descobrir” foi compartilhado nas vivências e novas compreensões da sexualidade. A avó, ao dizer, “oh bicha sem vergonha! tu não quer prestar, não?”, compreende que a identificação da neta será objeto ainda de muitos julgamentos sociais.

Com meus irmãos foi de boa, só quem não aceita mesmo é minha mãe. Meu irmão mesmo já conheceu minha namorada, bebemos juntos. O pai a coisa mais difícil é ver ele. Fui criada só com minha mãe, são separados, acho que tem uns 4 a 5 cinco anos que não vou lá. Não somos apegados, não. Ele é crente, mas ele aceita de boa, só minha mãe mesmo que tem implicância. Quando me assumi, ela não era crente. Sempre falava que não era certo, mas quando entrou pra crença, aí que apertou mais (risos). Hoje em dia, a maioria das mulheres são bissexuais, sabe? Quem gosta dos dois lados, homem e mulher, a maioria das pessoas é assim. Conheço muitas meninas na escola. Conheço muitas meninas que são lésbicas mesmo, mas tem medo de se assumir, tem medo da sociedade, da família também, aí não se assumem, medo da família expulsar de casa. Elas comentam... tem medo da família saber disso e expulsar de casa. Teve uma amiga minha que estudava comigo, ela era bi, ninguém sabe, morre de medo da mãe dela saber, principalmente o pai dela, corre o risco de eles baterem nela. A mãe contou uma história, eu era criança. Teve uma mulher perto de casa que descobriu que a filha dela começou a gostar de mulher, aí ela bateu na filha dela e mandou ela pra Portugal, aí hoje ela é casada com homem. Só que eu acho que independente da briga, da taca, ter mandado ela pra outro país, não quer dizer que ela iria parar de gostar de mulher, então acho que aquilo dela era apenas coisa de momento, que se fosse mesmo, hoje estaria com outra mulher, né? (ANA LUÍZA, 2020).

No enunciado, “só quem não aceita mesmo é minha mãe. Meu irmão mesmo já conheceu minha namorada, bebemos juntos. Só minha mãe mesmo que tem implicância. Quando me assumi, ela não era crente. Mas quando entrou pra crença, aí que apertou mais (risos)”, a interlocutora reporta especificamente sobre aceitabilidade. Ressalta que sua mãe não gostava da forma como se relacionava, no entanto após sua conversão ao protestantismo, passou a ser muito mais incisiva aos apelos, na intenção de que a filha tivesse uma conduta socialmente aceita, para não ser mal vista e nem despertar os castigos “divinos”.

Ao relatar que “conheço muitas meninas que são lésbicas mesmo, mas tem medo de se assumir, tem medo da sociedade, da família também, aí não se assumem medo da família expulsar de casa. Elas comentam...tem medo da família saber disso e expulsar de casa” revela-

se a experiência “do medo”, que marca com tons fortes as relações familiares.

Minha vó, ficou assim... desesperada, que ela não esperava isso de mim, só que depois ela ficou de boa. Só que meu tio não, minha relação com meu tio é muito complicada. A gente briga muito, quer mandar em mim. Mas eu entro em conflito com ele. Às vezes saio porque minha vó diz que tem medo de que aconteça uma tragédia. Se eu levar alguma garota lá em casa, ele fica falando várias coisas... tipo “ela fica trazendo essas pessoas para cá, não tem respeito com ninguém”. Já o filho dele, ele diz: meu filho traz tua namorada e leva para o quarto! O filho dele pode, eu não posso! Ele não fala nada pra mim, nem pra minha vó, mas fala para meu primo. Diz que eu sou uma sapatona sem vergonha, que vou para o inferno, porque gosto de mulher! Isso me incomoda bastante. Antigamente minha avó não falava nada porque tinha medo dele, hoje ela fala pra ele cuidar da vida dele, que ele não me sustenta... acho que minha vó já está me aceitando de verdade. Eu tenho uma namorada, o povo lá em casa não sabe. Só minha vó, ela pergunta sobre a menina. Pede pra eu falar as coisas pra ela, mas, não me sinto à vontade, porque meu tio está sempre por lá, por isso! (FERNANDA, 2020).

“Minha vó, ficou assim... desesperada”. O enunciado traz o momento em que a família não tem mais como ocultar o “visível” e descobre a sexualidade, não se conformando com a saída do padrão de normalidade. Encontramos, aqui, pontos que aproximam as entrevistadas - Maria Gabriele, Ana Luíza e Fernanda. Todas as mães, inclusive avós, aqui relacionadas, ficaram surpresas com a novidade, no entanto, a avó da Fernanda assim como a avó da Maria Gabriela demonstraram, em certa medida, em prol da felicidade das netas, diferentemente da mãe da Ana Luíza, a segunda entrevistada, referenciada pela religião, reconhece como verdadeiro o modelo nuclear de família, apoiando-se em valores éticos e morais, para a não aceitação da identidade sexual da filha, constituindo-se impositivo e doutrinário.

Voltando à entrevista, “Diz que eu sou uma sapatona sem vergonha, que vou para o inferno, porque gosto de mulher! Isso me incomoda bastante”. As expressões e xingamentos reforçam o estereótipo do qual, segundo Louro (2001, p. 546), têm a força de uma invocação sempre repetida, fazendo ecoar “os gritos de muitos grupos homófobos, ao longo do tempo, e que, por isso, adquire força, conferindo um lugar discriminado e abjeto⁸ àqueles a quem é dirigido”.

Minha mãe é uma fuma e dorme. Tipo assim, sempre me apoiou nos estudos, mas pra ela tanto fez como tanto faz. Se eu quiser ir pra aula eu vou... Ela não é aquela mãe que se preocupa em acordar o filho pra ir pra escola. Pra ela tanto faz! Tipo assim, agora na pandemia que as aulas são EAD (Educação a Distância) é muito difícil você estudar sem o incentivo de um pai, de uma mãe, pois lá em casa se eu quiser fazer tenho que fazer tudo por mim.. .é muito

⁸ Abjeto é um termo que “[...] se refere ao espaço que a coletividade costuma relegar aqueles e aquelas que considera uma ameaça ao seu bom funcionamento, à ordem social e política” (MISKOLCI, 2012, p. 24).

difícil manter um ritmo de estudo sem ter o pai e a mãe pra mandar a gente estudar! Tenho que fazer tudo sempre por mim, tipo eu não tenho mãe pra me mandar fazer um dever quando estiver desocupado. Mas, eu não tenho isso dentro de casa... esse pra mim é o maior desafio! Acho tão bonito quando um amigo meu fala que seu pai quer que faça tal curso, tal faculdade. Eu admiro muito um pai que incentiva o filho, que almeja algo de bom para seu filho... é o que parece que não tenho dentro de casa! (MAURÍCIO, 2020).

Uma narrativa que subverte a ideia de “essência” do papel de mãe: dentre todas as entrevistas realizadas, nenhuma delas falou com tanto desprezo ou sinceridade da figura materna. “Minha mãe é uma fuma e dorme”. O filho reclama abertamente da falta de incentivo sofrido em relação aos estudos e o fato de deixar o vício dominar. Para ele, é papel da figura materna transitar pelos espaços do filho, orientando e ajudando, como as mães de seus amigos. O recorte analisado é atravessado discursivamente pelo ideal de família patriarcal, centralizada na figura da mãe para cuidar dos filhos, marcada por cuidado e doçura. Como sua mãe não desenvolve esse papel de mãe zelosa e dedicada, resta admirar atitudes de pais de outras famílias tradicionais, que auxiliam e desenvolvem, com êxito, “seus papéis”.

Minha mãe sendo advertida pelo meu cunhado, tinha essa visão de que não seria menino. Por mais que uma família saiba que não aceita, ela sempre imagina que é apenas um jeito. Até que chegou ao ponto que não deu mais pra esconder, souberam toda a verdade. E minha mãe me avisou que meu pai já sabia e que tava chegando da roça e que iria me matar de uma pisa. O meu jeito sempre foi de menina, no convívio com as pessoas eu passei certas dificuldades. Desde os sete anos. Os amigos de meu pai tinham um toque diferente ao se aproximarem de mim. Eu fui muito bolinada pelos amigos íntimos do meu pai e também por membros da família. Dos sete aos doze anos, que não podia me defender, nem falar pra família, pois não iam acreditar. Por isso tinha que arranjar estratégias pra me defender. Até que um dia eu fugindo sempre de um, ele foi falar para o meu pai como se eu tivesse dando em cima dele, já tinha dezesseis anos. Foi assim que ficaram sabendo. Aí tinha chegado um amigo meu de outra cidade vizinha, me chamou e eu saí. Consegui fugir com a roupa do corpo. Deixei uma carta explicando o motivo, e infelizmente não posso fazer nada. Quando meu pai chegou minha mãe mostrou a carta, ele baixou a cabeça e disse: Maria vá atrás de meu filho, ele não é o primeiro e nem será o último. Me encontraram e eu voltei pra casa. Foi difícil a aceitação, mas agora o fato de eu ser homossexual não iria mudar a educação que ele me deu, os princípios que ele me deu. Minha mãe sempre foi muito boa. No entanto, por ser alertada sobre minha sexualidade, me criou numa redoma de vidro, no mundo dela. Meus irmãos podiam sair, brincar, eu não. Ela sempre foi muito presente, e quando ela descobriu ficou mais presente ainda. Ela pode não ter entendido, mas aceitou. Não entendeu porque na cabeça dela homem é homem e mulher é mulher e aceitou porque era filho dela. Mas ela me prendeu bastante, até os vinte e um anos. Quando eu saía, inventava alguns motivos, trabalhos da escola (risos) (HELENA, 2020).

O enunciado “minha mãe sendo advertida pelo meu cunhado, tinha essa visão que não seria menino. Por mais que uma família saiba que não aceita, ela sempre imagina que é apenas um jeito” demonstra como os pais procuram camuflar ou não acreditar na identidade de gênero dos filhos. Nas entrevistas, nossos interlocutores foram unânimes em afirmar que os pais sabem sim, mas camuflam tal realidade. Em “O meu jeito sempre foi de menina”, o fato de ter nascido com o sexo genital masculino e ter comportamentos socialmente considerados como femininos provocam um deslocamento discursivo entre a identidade de gênero e o sexo interpelado. Também em “Eu fui muito bolinada pelos amigos íntimos do meu pai e também por membros da família. Dos sete aos doze anos, que não podia me defender, nem falar pra família, pois não iam acreditar”, aponta-se para questões graves de abusos que, no teor e ressentimento da narrativa, pareciam declarar certa conivência dos pais por não acreditarem. Isso impôs “arranjar estratégias pra me defender, uma vez que as violações poderiam e não seriam conhecidas pelos pais, acabariam revelando o que não seria de aceitação da família. Posteriormente, “foi difícil a aceitação... [suspira]”, como se por um instante tivesse revivido aquela situação, porém a revelação à família fez a mãe redobrar os cuidados.

Ingresso e permanência na escola

Silva *et al.* (2015) veem a escola como um dos espaços de reprodução do preconceito, da discriminação e da reafirmação da cisheteronormatividade, o que tornam as pessoas LGBTQIA+ vítimas de piadas e “brincadeiras”, contribuindo para a elevação das estatísticas de evasão escolar. Como professores, sabemos que a escola tem dificuldades para lidar com a diversidade, seja nas questões referentes ao cotidiano escolar, planejamento anual das atividades, conteúdos pragmáticos ou até mesmo na falta de trato dos docentes, no entanto, negar a existência desses grupos na escola é negar o respeito a essa diversidade.

Nas narrativas, a escola é marcada como lugar de rigidez, opressão, espaço de disputa, mas, que ao mesmo tempo, pode ser estratégica na reeducação das sensibilidades sobre as identificações de gênero: “É indispensável que reconheçamos que a escola não apenas reproduz ou reflete as concepções de gênero e sexualidade que circulam na sociedade, mas que ela própria as produz” (LOURO, 2008, p. 81). Essa forma de negação reproduzida, em forma de discurso, se instaura dentro da escola com a finalidade de reforçar a ideia de um modelo único de sexualidade, a partir de práticas normatizadoras hegemônicas de controle, vigilância e disciplina. A disciplina exerce o controle dos corpos, como nos alerta Foucault (1987).

“Ela é a primeira que te oprime”

Ela é a primeira que te oprime, lá tem que ser você, mas você de outro jeito, não do teu jeito. Se tu for menino, lá tu tem que ser menino... A escola é um lugar para abrigar as pessoas de qualquer gênero, sexo, qualquer coisa... (MARIA GABRIELA, 2019).

“Gostava de ir pra escola só por causa de minhas amigas”

Sinceramente (risos) gostava de ir pra escola só por causa de minhas amigas. Quando entrei na escola pesquisada eu ainda não era assumida. Depois de um ano que comecei a me assumir, comecei falando pra minhas amigas da sala, todas reagiram bem. Ano passado (2019) comecei a escutar conversinhas quando passava; “essa menina é sapatão, gosta de mulher”, escutava vários comentariózinhos, que deixei passar, não dei moral. A escola poderia ter mais conversas entre os professores e alunos sobre esse assunto, né? (risos). Hoje a maioria das mulheres são bi, sabe? Que gosta dos dois lados, homem e mulher. Conheço muitas meninas na escola, mas tem medo de se assumir (ANA LUIZA, 2020).

“Quando fui para a escola pesquisada minha vida ficou muito complicada, mesmo”

O ensino fundamental, foram os melhores anos que estudei em minha vida. Quando fui pra a escola pesquisada minha vida ficou muito complicada, mesmo. Quando eu entrei na escola a diretora era outra, não era essa. Posso falar o nome? Era a professora Thiana que era a diretora, nesse tempo. E eu tive uma discussão com uma menina. Na verdade, foi ela que discutiu comigo. Me chamou de nomes horríveis, de sapatão, rapariga e de um bocado de coisas. Fui lá falar com a diretora, que mandou chamar a moça que me xingou. Esse é o marco da escola pesquisada. Sempre que penso na escola me lembro disso. Isso começou... foi assim, a gente tinha saído da sala, tinha ido no bebedouro, quando voltou ela tava sentada de saia, aí eu falei: “Olha a calcinha dele, é de renda!” Aí a prima dela tava atrás da gente, ouviu e falou pra ela. Quando eu tava chegando na quadra meu amigo me falou: “Olha... ela tá te xingando!” E eu: “Oxente eu nem fiz nada com essa menina!” Fui lá pra saber o porquê. Quando perguntei, ela disse: “Tu é muito é uma sapatona, rapariga...” falei: “Moço, eu não gosto de confusão”, e fui para a sala de aula. O povo todo do meu lado, falando: “briga, briga...” eu não sou de briga. Nunca briguei. Fui participar na direção e foram tomadas as medidas certas. Chamou ela e ela negou. Outro fato ocorrido na escola, já era a outra diretora, foi uma “cartinha da morte” que encontraram e nela diziam que eu ia morrer. Porque na sala do 2º ano que estudava, tinha duas com nomes iguais, eu e outra pessoa. E no bilhete colocaram meu nome e sobrenome, deixando bem claro quem era. Dizia que vai morrer tal dia, sapatona. E a diretora disse que ia tomar providências e não fez nada. E ficou por isso mesmo. Mas depois disso, a diretora proibiu a entrada de pessoas estranhas e a nossa saída no final da aula. (FERNANDA, 2020).

“A gente pensa que a escola pesquisada, Oh! A maior coisa do mundo, que não é”

Ensino Fundamental, meu melhor ano foi o nono ano. Eu era tipo “normal”. Não era o melhor, também não era o pior. Não era o mais destacado, mas ficava na minha. Quando chega no primeiro ano, a gente tem todo aquele conceito de uma coisa assim, mais difícil, vai se deparar com mais matérias, com matérias mais difíceis. Quando a gente tá lá no fundamental a gente pensa que a escola pesquisada, Oh! A maior coisa do mundo, que não é, é uma escola normal que vai atender todo um método de estudo. A gente acha que vai ela vai destacar a gente nos estudos... (MAURÍCIO, 2020).

“Quería ser invisível”

No ensino Fundamental não percebi muito preconceito. Sempre fui uma criança muito retraída, nunca fui muito de brincar. Então eu ficava lá no fundinho querendo entrar e sair sem que ninguém me percebesse. Quería ser invisível. Agora no Ensino Médio, começa alguns probleminhas, a gente vai passando, sempre alguém comenta: “Ei gay, ei viado...” A gente se sente retraída, sem força, sem coragem pra lutar e rebater aquela situação. Eu chegava, entrava na sala, não conversava com ninguém. Na hora do recreio saía para o banheiro, mas voltava logo e me recolhia novamente. O banheiro é um problema, eu ficava muito aflita, eu ficava muito tempo observando se tinha alguém no banheiro. Eu só ia quando não tinha ninguém. Chegava, ficava próxima observando, passando um tempo. Quando via que não tinha ninguém, entrava. Sempre fui muito tímida, ia logo e voltava. Tinha uma amiga que me protegia, então ficava comigo próxima ao banheiro, conversando, pra eu ficar observando o momento em que podia entrar no banheiro. Na volta do banheiro sempre tinha os grupinhos e ficavam falando alguma coisa, isso me incomodava bastante, por isso não saía da sala, inclusive no recreio. Toda vez que chegava a hora de ir para a escola ficava naquele receio... oh! Meu Deus, será que alguém vai falar alguma coisa? Vai te olhar diferente? A impressão que eu tinha era que os adultos não observavam aquela situação. Se viam, fazia vista grossa, se não houvesse algum tipo de contato físico, pra eles tanto faz, como tanto fez, era brincadeiras de crianças... Só que não é! Pra quem tá falando, não pra quem tá ouvindo! Quem tá ouvindo é como se fosse um tapa, no meu caso. Me sentia retraída, também não conseguia me socializar, eu só ia pra ver minha matéria, estudar e voltava pra casa. Quando o assunto era sexualidade a gente sempre via aqueles olharzinhos, ou algum comentáriozinho. Quando eu observava o professor, parecia que ele não estava vendo aquela situação. Então como eu nunca fui de revidar essa situação, ficavam comentando entre si. A impressão que dava era que não centralizam que era uma pessoa em si... que tinha alguém lá dentro, que tinha alguém sofrendo... Era um grupinho de pessoas falando entre si. Mas tinha EU lá no meio... Aí doía (emocionada) (HELENA, 2020).

No enunciado, “ela é a primeira que te oprime, lá tem que ser você, mas você de outro jeito, não do teu jeito. Se tu for menino, lá tu tem que ser menino”, observa-se que a escola utiliza padrões normativos dominantes de sexualidade. Silenciar, ocultar e controlar os corpos são artifícios para manter o saber-poder como dispositivo disciplinar em torno dos sujeitos

vivendo outras formas de sexualidade.

[...] a escola torna-se, no que se refere à sexualidade, um local de ocultamento. Mais do que isso, a escola cria uma homofobia compartilhada com a família e com outros espaços sociais, expressando uma certa ojeriza às sexualidades que não se enquadram na heterossexualidade normativa, como se a homossexualidade fosse “contagiosa” (LOURO, 2004, p. 29).

No segundo enunciado: “Sinceramente (risos), gostava de ir pra escola só por causa de minhas amigas. Comecei a escutar conversinhas quando passava; ‘essa menina é sapatão, gosta de mulher’, escutava vários comentariozinhos, que deixei passar, não dei moral. A escola poderia ter mais conversas entre os professores e alunos sobre esse assunto, né?”, a interlocutora vê a escola como um espaço desagradável e desmotivador que não atende às suas necessidades, nos debates e nos conteúdos programáticos reforça as diferenças por réguas hierárquicas e estimula violências física-simbólica fundamentadas por valores sexistas do determinismo biológico. Quando diz, “escutava vários comentariozinhos, que deixei passar, não dei moral” descreve-se um lugar que não a representava e que não dispunha de alguém que pudesse ouvir suas experiências. Por essa razão, “a escola poderia ter mais conversas entre os professores e alunos sobre esse assunto, né?” Os sentidos atribuídos à escola demonstram um certo lamento e cobrança de responsabilidade e compromisso com as diferenças, reivindicando um atendimento mais humanizado.

É possível observar, no decorrer das entrevistas, práticas discursivas que reforçam as diferenças deslocando os sujeitos à margem do modelo universalizante de sexualidade, a um espaço periférico na escola e a um espaço regido por uma matriz heterossexual, como nos relata Louro (1995, p. 91):

[...] a escola e o currículo estão longe de ser meros reflexos das condições sociais. A partir de múltiplas práticas cotidianas e banais, a partir de gestos e expressões pouco perceptíveis, pelo silêncio, pelo ocultamento ou pela fala, constroem-se, no espaço propriamente escolar, lugares e destinos sociais, produzem-se identidades de gênero e sexuais, identidades de classe e de etnia, marcadas pela diferenciação e pela hierarquia (LOURO, 1995, p. 91).

No enunciado, “queria ser invisível! ‘Ei gay, ei viado... A gente se sente retraída. Eu chegava, entrava na sala, não conversava com ninguém. Os adultos não observavam aquela situação. Se viam, fazia vista grossa, se não houvesse algum tipo de contato físico, pra eles tanto faz, como tanto fez, era brincadeira de criança... Só que não é! Pra quem tá falando, não pra quem tá ouvindo! Quem tá ouvindo é como se fosse um tapa, no meu caso. O banheiro é

um problema”. Ficam explicitados o sofrimento e a indignação de alguém que foi vítima de assédios e práticas homofóbicas. Quando enfatiza que os “adultos não observavam aquela situação”, reporta-se a alguém que fosse capaz de acabar, mediar ou minimizar o sofrimento. O adulto poderia, inclusive, ser o professor que estava ministrando a aula, absorto em conhecimentos, negligenciando, por muitos motivos, a situação de *bullying*. Nesse sentido, Miskolci, (2010, p. 18) alerta: “educadores adotam o silêncio diante da emergência de uma sexualidade [ou comportamento tido como] diferente e, assim, tornam-se cúmplices da ridicularização e do insulto público de alguns estudantes”.

Na ênfase, “O banheiro é um problema”, a interlocutora pensa o uso do banheiro como um lugar de constantes tensões, espaço simbólico que demonstra a incapacidade da escola do trato das questões de identificações de gênero. Trata-se de um território de reforço da binaridade, não reconhecendo, ou mesmo levando em consideração, outras formas de identificação.

No transcorrer da entrevista, Maria Gabriela (2019), relembra seu processo de amadurecimento nos espaços de conflito, na escola, o que significou, segundo ela, “superar” esses incidentes, não se importando mais com as falas preconceituosas das pessoas. Isso foi resultado de sua autoaceitação e como mediou isso com os sujeitos da escola. As roupas e o corte de cabelo dela demonstravam como o “verdadeiro jeito de ser” dela eclodiu.

No Ensino Médio, que foi quando iniciei um estilo diferente, quando a Thiana, era diretora da escola e eu ia no meu estilo, nunca tive implicância, só com as minhas calças rasgadas. Ela pegava muito no meu pé, puxava minha orelha (risos), era livre, mas tinha um padrão azul ou preto e não rasgada (calça). Antes do ensino médio eu usava mesmo “padrãozinho” a saíinha que não gostava, que tinha que usar, suportei muitos anos, aí me liberei dela, graças a Deus! Saía, meia sapatilhazinha, uniforme dentro da saia, ou blusa, dentro da saia (risos) que era “ridículo”, eu acho, cabelo preso, amarradinho. Agora vou ser livre, raspei minha cabeça. Me senti livre demais, com minha calça larga, cabeça raspada. As pessoas elogiavam o meu jeito de ser, incentivava outras pessoas a serem assim também, do jeito delas também. Quando comecei a fazer as mudanças todo mundo ficava impressionado; nossa como teu estilo tá bacana. Tinham boas reações e ruins também, a maioria dos alunos mesmos, mas não os professores do ensino médio. Ele foi pra mim, ótimo, sinto saudades, nem tanto das aulas, mas das pessoas. Nunca fui uma aluna muito interessada mesmo, não vou mentir... Mas gostava das pessoas lá” (MARIA GABRIELA, 2019).

A entrevista foi desafiadora, pois inseriu no contexto da crítica de Gaby um dos entrevistadores que, coincidentemente, participou da vida escolar da entrevistada e, naquele momento, foi evocado astuciosamente para confirmar, como “autoridade”, a autenticidade do

episódio. A narrativa carrega certa ironia, ao caracterizar, no diminutivo, expressões que remeteriam às normas da instituição: padãozinho, sapatilhazinha, amarradinho.

“Suportei muitos anos, aí me liberei dela, graças a Deus! Saia, meia sapatilhazinha, uniforme dentro da saia, ou blusa, dentro da saia (risos) que era “ridículo”, eu acho, cabelo preso, amarradinho. Agora vou ser livre, raspei minha cabeça. Me senti livre demais, com minha calça larga, cabeça raspada”. De acordo com o enunciado, é possível perceber as relações de gênero sendo atravessadas por discursos, legitimando o determinismo biológico por práticas sexistas. Nesse contexto, Foucault (1987) enfatiza que não há poder sem resistência, assim o poder é resultado de tensões, negociações e apreciações. O poder, por sua compreensão, constitui-se também pela capacidade de se contra-argumentar ou responder às práticas que possam nos oprimir.

A partir da materialidade encontrada nas entrevistas, analisamos o funcionamento de práticas discursivas vivenciadas dentro e fora do contexto escolar que, muitas vezes, aparecem como estratégias utilizadas para vigiar, controlar e regular a vida desses sujeitos, principalmente no campo da sexualidade. Percebemos também, marcas de subversão a padrões de comportamentos pré-estabelecidos aos papéis socialmente definidos. Dito isso, entendemos que a escola precisa compreender que a sociedade é dinâmica, precisa dialogar e, por ser um local de formação, deveria ser também um local de acolhimento, combatendo as discriminações e as desigualdades de gênero.

Nesse contexto, a escola traz consigo uma importante função na produção de subjetividades. Butler (2010, p. 112) afirma que, apenas por meio de uma relação dialógica é possível expressar as diferenças e, essa perspectiva, esperamos que a escola desenvolva o espaço de discussão para trabalhar dialogicamente em conjunto com a comunidade escolar, falando de sexualidade, gênero, identificações, identificando momentos de discriminação, *bullying* etc.

Segundo Louro (2004, p. 29), a escola torna-se, no que se refere à sexualidade, um local de ocultamento. Repetimos, em conformidade com a autora, que a escola cria uma homofobia compartilhada com a família e com outros espaços sociais. Encontramos, nas entrelinhas das narrativas, esperança por dias melhores, em que a família seja afetada positivamente. Para isso, é necessário articular um diálogo entre escola e família, na perspectiva de um trabalho minucioso de “escuta ativa”, não para descobrir quem está com a razão, mas para provocar reflexões em diferentes contextos históricos, políticos, sociais, culturais, encontrando soluções para os problemas historicamente naturalizados. Sabemos que esse movimento requer um deslocamento a respeito das identidades de gênero para além do biológico, desconstruindo

determinismos que excluem essa categoria. Segundo Bortolini (2011, p. 36):

Isso significaria romper com a perspectiva da heteronormatividade como única possibilidade de hegemonia e repensar o gênero e a sexualidade na escola, não só pelo reconhecimento de determinados grupos, mas pelo quanto essas questões dizem respeito a toda a comunidade escolar, a toda a prática pedagógica, aos processos de constituição de cada sujeito ali dentro, estudantes ou profissionais da educação.

Considerações finais

Na pesquisa, analisamos práticas discursivas com as identificações de gênero na escola pesquisada. Para isso, contamos com o processo de escuta extremamente necessário para, a partir das falas, compreendermos como esses sujeitos se percebem ou se percebiam.

Na construção das análises, a cada história narrada, era acionada uma rede de memórias que, acompanhada da sensação de estranhamento, de não pertencimento, vem à tona em momentos de dor, indignação, tensionamentos e conflitos, mas, logo em seguida, surge a sensação de superação.

Passamos por vários percalços durante a pesquisa, dentre eles a Covid-19. Um período atípico em que a pesquisa foi afetada, todos foram afetados. Perdemos muitas pessoas queridas. Em alguns momentos, faltavam forças e coragem para prosseguirmos. Dias extremamente difíceis, a pandemia impactou sob as mais diferentes lentes, provocando uma espécie de adoecimento geral.

A interdição de uma das entrevistas realizadas, mencionada anteriormente, trouxe preocupações, principalmente, para o *corpus* de análise do trabalho. A recusa não foi menos pensada: receio de identificação na escola? Na família? Na comunidade? Os sentidos dessa recusa proliferam. Sem dúvidas, a estratégia de proteção ainda é uma constante nesses espaços. Esse narrador e o silêncio significativo dele dizem que, apesar dos direitos e conquistas, o exercício da liberdade do ser é relativo e rarefeito se pensarmos, especialmente, no contexto dessa pesquisa: o dinamismo e os problemas das questões socioculturais, políticas e econômicas da região sul e sudeste do Pará.

Não muito diferente das categorias descritas por Silva (2015), também constatamos pelas narrativas que pela família os sujeitos têm mais receios que fazem com que não se mostrem como realmente são, quer por medo de serem expulsos de casa, por indisciplina ou mesmo por vergonha de assumir sua identidade sexual, mas é, sem dúvida, a primeira instituição a experienciar a exclusão.

Na escola, esse processo não é diferente, mas agrava-se. Lembremos de uma narrativa: “não vejo a hora de começar a estudar na escola pesquisada”. Essa fala exala animação, ao imaginar que a escola seria um espaço de acolhimento das identificações e do respeito mútuo, no entanto, ao se deparar com a realidade escolar, perceberam que também é um lugar que dissemina e naturaliza muitos preconceitos.

Destacamos a escola e a família como organismos vivos e complementares, significando pensarmos a escola como um espaço estratégico e privilegiado para transformação de comportamentos. Precisamos desse movimento e pensar a diversidade, reconhecendo os limites de atuação na escola, sem desprezar a promoção de debates e o mapeamento de estudantes LGBTQIA+.

Nessa perspectiva, contribui-se, para a comunidade escolar, especialmente para uma leitura crítica e discursiva dos Projetos Políticos Pedagógicos escolares, grande parte restritos a compreensões ontológicas de heteroidentificação. Em consonância com Miskolci (2012, p. 51), “a escola precisa deixar de ser ‘um dos braços de normalização biopolítica para o Estado’ e precisa ‘ser um veículo social de desconstrução de uma ordem histórica de desigualdades e injustiças’”.

Referências

BORTOLINI, A. **Pensando a política pública em diversidade sexual e de gênero na escola**: uma experiência com análise de conteúdo. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990.

BUTLER, J. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, G. L. (org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 151-167.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

BUTLER, J. Precisamos para o ataque à “ideologia de gênero”. **Sexuality Policy Watch**, Rio de Janeiro, 29 jan. 2019. Disponível em: <https://sxpolitics.org/ptbr/judith-butler-precisamos-parar-o-ataque-a-ideologia-de-genero/9094>. Acesso em: 12 out. 2019.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: história da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 1987.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I**: a vontade do saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

- FOUCAULT, M. **Ética, sexualidade, política**: ditos e escritos. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975- 1976). São Paulo: Editora WMF/Martins Fontes, 2005.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2010.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Porto Alegre: DP&A, 2006.
- LOURO, G. Magistério de 1º grau: um trabalho de mulher. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, 1989.
- LOURO, G. (org.) **Pedagogias da sexualidade: o corpo educado**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- LOURO, G. Mulheres na sala de aula. *In*: DEL PRIORE, M. (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2001. p. 443-481.
- LOURO, G. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- LOURO, G. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 2007.
- MISKOLCI, R. A teoria queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 21, p. 150-182, jan-jun. 2009. DOI: 10.1590/S1517-45222009000100008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/BkRJyv9GszMddwqpncrJvJdn>. Acesso em: 25 fev. 2020.
- MISKOLCI, R. **Marcas da diferença no ensino escolar**. São Carlos: EdUFSCar, 2010.
- MISKOLCI, R. **Teoria queer**: um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 4 ago. 2023.
- SCOOT, J. História das mulheres. *In*: BURKE, P. (org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.
- Submetido em 7 de novembro de 2022.
Aprovado em 20 de junho de 2023.